

ENTRE/TRADIÇÃO

/www.correio24horas.com.br

Entidade com nome de Feira

História Parte da vida de Salvador, São Joaquim se transformou com o tempo, mas segue um entreposto regional

De frente pro mar da Baía de Todos-os-Santos, no meio do caminho entre o hoje bairro do Comércio e a Calçada, os meninos órfãos da Casa Pia de São Joaquim se esbaldavam: era naquelas águas, logo ali em frente, que os garotos costumavam tomar banho. Não por acaso, o lugar passou a ser chamado, no início do século 19, de Água de Meninos. Os órfãos já não tomam banho naquelas águas, mas o comércio que passou a despontar ainda na colônia, favorecido pela presença do mar e de um atracadouro, cresceu. Da pequena venda de um artigo ou outro, virou feira – a maior e mais importante da capital.

Hoje, já não se passa mais pela borda da Avenida Engenheiro Oscar Pontes, na Cidade Baixa, sem que os olhos, o olfato e a memória afetiva do soteropolitano acusem a proximidade da Feira de São Joaquim, uma espécie de "entidade" cultural, filosófica, religiosa e, claro, um referencial de abastecimento. Quase todo mundo vai ou pelo menos tem vontade de ir à feira – e ia, antes do isolamento social provocado pela pandemia.

A dona de casa Edleuza dos Santos Barbosa, 43 anos, conhecida na Ribeira, onde mora, como Cique, tem uma relação familiar com a feira: desde "piveta" lembra, era arrastada para as vielas de São Joaquim pela mãe, dona Herondina – ou Bibi – para comprar goma da Bahia. "Minha mãe trabalhava muito com esse tipo de goma", lembra Cique, que confessa que ia para a missão meio a contragosto. Mesmo depois que dona Bibi faleceu, a

1 A melhor feira que tem é a Feira de São Joaquim. Tem tudo: bomboniere, casas de orixás, verduras com preço mais em conta. Tudo que você quiser
Edleuza Barbosa
Dona de casa

2 A feira é muito rica e esteticamente muito linda. Um retrato do nosso povo preto e pobre, retrato da África aqui dentro
Katia Najara
Cozinheira e empresária

3 Por conta de sua proximidade com o mar, com o passar do tempo, ainda na Colônia, começaram a se juntar naquela região pescadores, vendedores
Rafael Dantas
Historiador

BERETA/ARQUIVO CORREIO



1

PAULO M AZEVEDO/ARQUIVO CORREIO



2

JORGE DE JESUS/ARQUIVO CORREIO



3

filha segue frequentadora. Costuma dizer que anda por lá de trás pra frente, com os olhos fechados.

"Pra mim, a melhor feira que tem é a Feira de São Joaquim. Tem de tudo: tem bomboniere, casas de orixás, frutas, verduras com preço mais em conta. Tudo que você procura, tudo que você quiser, você encontra na Feira de São Joaquim", defende a cliente, que conhece os feirantes e faz amizade por onde passa.

AFETO

Bem capaz de conhecer seu Barbudo, vendedor de ervas, Márcio, o cara dos sucos, ou a senhora evangélica que vende feijão vestida de preto da cabeça aos pés – figuras lembradas pela cozinheira Katia Najara, 49 anos, empresária e chef do Pitéu_Cozinhafetiva. Katia quase não vê o tempo

1 Feirantes

na entrada de São Joaquim em 1983

2 Caruru

Quiabo para manter tradição: setembro de 97

3 Ônibus

na Salvador de 1990

4 Cofrinho

Pra economizar; foto de 2000

5 Cerâmica

Vende também

6 Axé

Banho de folha? Acha

7 Abacaxi

Descarregando frutas em 1990

8 Passado

Olha como era a feira em 1978

9 Pavão!

Sim, tinha em 1990

10 Peixe

Na Semana Santa e nas profanas

11 Dendê

Só é moqueca assim

passar ao falar do lugar que frequenta há mais de 20 anos.

"Minha relação com a feira é mais afetiva do que comercial. Eu gosto de fazer compras lá porque eu sempre saio muito mais rica, sempre tem alguém, um novo personagem, uma nova história, um novo retrato que eu tiro na minha memória, porque a feira é muito rica e esteticamente muito linda. Um retrato do nosso povo preto e pobre, retrato da África aqui dentro também e um lugar onde eu posso comprar tudo da culinária aqui do nosso território de identidade e além. Todos os sabores da Bahia, a gente encontra na Feira de São Joaquim", garante.

A feira é parte tão presente da cidade que, para os mais jovens, há uma sensação de que ela sempre existiu. Mas, na verdade, o lugar não nasceu, séculos atrás, exatamente co-

PAULO M AZEVEDO/ARQUIVO CORREIO



4

PAULO M AZEVEDO/ARQUIVO CORREIO



5

SIDNEY HAACK/ARQUIVO CORREIO



6

JORGE DE JESUS/ARQUIVO CORREIO



7

CARLOS CATELA/ARQUIVO CORREIO



8

JORGE DE JESUS/ARQUIVO CORREIO



9

JORGE DE JESUS/ARQUIVO CORREIO



10

ARISSON MARINHO/ARQUIVO CORREIO



11

mo tal – não nos moldes e na dimensão de hoje. Desde 2012, a feira passa por uma obra de requalificação do governo do estado. Este ano, a prefeitura começou uma obra de pavimentação. Mas, para frequentadores, a força do lugar independe das intervenções.

Ela tem a própria história. A estrutura, à beira-mar, com um atracadouro por onde chegavam saveiros do Recôncavo, favoreceu o surgimento de algum comércio há séculos. Mas a feira, mesmo, que antes se chamava Feira de Água de Meninos, é muito mais recente: data de 1959. Em 1964, foi totalmente destruída por um incêndio e, logo ao lado, foi reerguida na virada da década de 1960 para 1970, desta vez batizada de São Joaquim.

DE TUDO UM POUCO

"Por conta de sua proximidade

com o mar, de atracadouro para embarcações, com o passar do tempo, ainda na Colônia, começaram a se juntar naquela região, segundo a descrição da época, pescadores, vendedores", conta o historiador Rafael Dantas, que estuda a iconografia da Cidade de Salvador. Documento histórico de 1801 já sinaliza aquela região como Água de Meninos.

Ali mesmo, quase de frente para o asilo de órfãos, pescadores e vendedores comercializavam um pouco de tudo: "Batata, milho, caju, melancia, feijão, acará, peixe, pequenas caças, papagaios, saguis, provavelmente couro, porque vinha muito couro do Sertão, algodão, rama, fibras, raízes medicinais, tabaco, erva santa e uma série de outras coisas ligadas à questão religiosa", completa Rafael.

Hoje, as bancas de artigos



Clarissa Pacheco

texto
clarissa.pacheco@redesbaha.com.br

NO TEMPO

Século 16 A área da feira era engenho de açúcar de Cristóvão de Aguiar Daltro

1704 Jesuítas iniciam a construção do prédio de seu noviciato perto do local

1798 Autorizada a fundação do seminário para meninos órfãos no prédio, após expulsão dos jesuítas pela Coroa

1801 O cronista Vilhena registra a região, em seu frontispício, como Água de Meninos. Já havia algum comércio no local

1930 Nesta década, é instalada na região a Feira do Sete, que ficava antes nas imediações do galpão 7 da Companhia das Docas. Mudou de endereço após incêndio em 1934

1959 Fundação oficial da Grande Feira de Água de Meninos

1964 Incêndio destrói a Grande Feira, que abastecia a cidade

1960-70 Reconstruída ao lado da Feira de Água de Meninos e batizada de São Joaquim

2012 Começam obras de requalificação, ainda em andamento

2017 Vira reduto do samba com a criação do Samba da Feira

religiosos são referência para o povo de santo, embora existam a Feira das Sete Portas e a de Itapuã: "A Feira de São Joaquim é o lugar em que acha tudo, que não falta nada. É um mundo", resume o advogado Matheus Maciel, 27 anos, iniciado para Oxalá no candomblé e Omo Ifá Okan.

O Babá Pecê, babalorixá da Casa de Oxumarê, compara a Feira de São Joaquim à de Ibadan, em Oyo, na Nigéria: "Eu vi os mesmos hábitos, os mesmos costumes, vejo uma réplica daquelas mulheres negras trabalhando, vendendo mariscos, legumes, sempre daquele jeito descontraído. A Feira de São Joaquim, não só para a religião, é uma forma de sobrevivência para homens e mulheres negras".

O líder religioso vê lá um espaço de suma importância para o candomblé. "Ali é da gente, é da religião, porque é um espaço importante, tem tudo que nós precisamos para fazer as nossas cerimônias, os nossos ritos", completa, ao mesmo tempo em que cobra que não haja naquele espaço intolerância religiosa.

HAJA DINÂMICA

Odorico Tavares, no livro *Bahia: Imagens da Terra e do Povo*, publicado em 1961, faz questão de criar na mente do leitor uma imagem da feira de outrora: "Todos os dias a feira prossegue (...). Os barcos chegando e saindo, são saveiros que vêm de todas as partes do Recôncavo. Trazem os mais variados produtos da terra baiana; bananas em cachos semiverdes, laranjas, cerâmica, aipim, os quiabos para os mais coloridos carurus, a pimenta malagueta de fascinantes efeitos".

Embora todos esses produtos ainda estejam lá, a dinâmica da feira tende a acompanhar as tendências da economia, afirma o cientista social Márcio Nicory.

Ao estudar a Feira em seu mestrado, Márcio defendeu a ideia de que ela pode ser pensada como um espaço limiar, entre o rural e o urbano, entre o moderno e o tradicional. "A continuidade está associada à capacidade da feira em se transformar, algo além de se adaptar, próximo da ideia de mutação em meio a um segmento competitivo como o varejo, com os mercados e supermercados", diz.

Para Márcio, o espaço da feira vai mudando e desenhando padrões. Em um dado momento, por exemplo, era o lugar das balas, dos banhos de folha e onde se achava tudo para preparar o acarajé: "Onde você poderia encontrar um galo vermelho em Salvador, com 'alguma' facilidade, se não em São Joaquim? Vejo que a feira continua, pelas metamorfoses, tendo um papel de entreposto regional. Além, ou principalmente, como um microcosmos socioeconômico", traduz.